



Luanda, cidade e literatura

de Tania Macêdo

Cristiane Santana Silva¹

Através de uma edição conjunta da Editora da Unesp e Editorial Nzila (Luanda), veio ao público em 2008, o livro *Luanda, cidade e literatura*, de Tania Macêdo, livre-docente pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), e professora titular da Universidade São Paulo, na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, com destacada atuação e extensa produção sobre as literaturas produzidas pelos países africanos de língua portuguesa, sobretudo Angola (e é na literatura desse país que se concentra o livro).

Composto por artigos de diferentes períodos da trajetória acadêmica da pesquisadora, estes foram organizados de maneira a apresentar ao leitor, como a autora já enfatiza em sua introdução, uma tese que percorre todo o livro: a de um processo de *reafricanização* da cidade africana (Luanda), empreendida por diferentes autores, num

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela FFLCH/USP, com o projeto: *A palavra reinventada: recriação, resistência e violência em João Guimarães Rosa e José Luandino Vieira*, com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Email: crissantana@usp.br

período que abrange a literatura produzida no país nos últimos cinquenta anos, que teria como seu correspondente, no plano político, a construção não somente de uma nação, mas de uma especificidade nacional, ou seja, de uma *angolanidade*.

Dentro de um total de cinco capítulos é possível acompanhar diferentes contextos e ideologias a partir dos quais é imaginada a cidade de Luanda: desde uma conceituação da cidade africana (anterior à colonização – e retomada, sobretudo, por meio do trabalho com a oralidade no pós-independência), passando pela cidade portuguesa no além-mar e pela cidade colonizada (pensadas no contexto da situação colonial) e chegando à cidade *reafricanizada* (que emerge dos processos de libertação nacional e permanece na literatura produzida atualmente).

Antes deste percurso, no entanto, a autora apresenta um painel de reflexões, onde ademais de nos situar na perspectiva teórica que orienta o livro, nos permite acompanhar como a cidade vem sendo pensada literariamente. Desta primeira parte do livro, “Percorrendo algumas ruas da teoria”, acreditamos ser importante destacar (para a compreensão do percurso de análise) que a autora toma a cidade na senda em que Bakhtin conceituou o signo, ou seja, a cidade é pensada como signo ideológico, que irá refletir e refratar relações, histórias e semioses, estabelecendo com a realidade relações que podem ser de fidelidade, apreensão ou distorção, de acordo com pontos de vista e intenções.

Para além disso, o primeiro capítulo segue demonstrando as balizas teóricas do que seria uma *leitura do intervalo*, expressão proposta por João Alexandre Barbosa, da qual a autora se utiliza para construir em seu livro uma leitura pautada num olhar que busca “apreender a tensão criada entre a formalização estética e a história de um lado, e os valores sociais veiculados na obra por outro” (p. 20).

Esse capítulo divide-se de acordo com as categorias são analisadas no decorrer do livro, principalmente, questões referentes ao

espaço e suas conexões com as personagens, e desta maneira, temos uma parte dedicada a questionar a lacuna existente nos estudos sobre a cidade de uma focalização na relação entre cidade, literatura e império, com destaque para uma leitura comparada de textos de Walter Benjamin e Willi Bolle, de Raimond Williams e Edward Said, leitura essa, em que é importante destacar o fato de os segundos (Bolle e Said) questionarem em seus estudos a ausência do colonialismo nos argutos textos dos primeiros, o que ainda que não deslegitime as contribuições de Benjamin e Williams, estreita os limites de suas análises.

A autora passa, ainda neste capítulo, pelas contribuições de estudos referentes ao espaço narrativo, dos quais merecem relevo os de Lukács em “Narrar ou descrever? – a propósito da discussão sobre o naturalismo e formalismo” - e os de Osman Lins em *Lima Barreto e o espaço romanesco*, aos que soma o texto de Lotman, *Estrutura do Texto Artístico*, importante para se pensar a oposição entre Baixa-Musseque, a partir dos pares opositivos propostos pelo autor, chegando às reflexões acerca da cidade literária, aproximando-se da interpretação que faz dos discursos de Jorge Cunha Lima (a idéia de nação associada a uma cidade) e Milton Santos (a cidade pensada como espaço resultado de ações humanas através do tempo e não como paisagem geográfica, num sentido estático), na medida em que tenta verificar o papel de Luanda nas lutas de libertação, bem como o espaço preponderante que ocupa na vida e no imaginário nacionais.

No segundo capítulo a autora começa a discutir a cidade africana, compreendida num contexto anterior à colonização. Neste sentido, o propósito do texto consiste em contrapor uma visão ocidental de cidade, intimamente relacionada ao espaço urbano, a uma conceituação de cidade que abarque as organizações africanas, onde religiosidade, funcionalidade do espaço (em aspectos produtivos e ecológicos), ancestralidade e valor hierárquico e simbólico do espaço determinam a concentração populacional neste mesmo espaço. Dessa maneira, a representação da cidade africana englobaria as

especificidades do continente, ligando-se a aspectos socioculturais que escapam às caracterizações eurocêntricas.

Em sua continuidade, o capítulo detém-se sobre as produções culturais da cidade africana, onde ganha relevo a questão da oralidade; a partir daí, a autora busca compreender as possibilidades que a literatura apresenta de encenar no corpo do texto a oralidade. Para tal, temos inicialmente uma abordagem da *oratura* em Angola, que parte da explanação de como ela se dá entre as narrativas tradicionais, e vai até uma necessidade de repensar a *oratura*, considerando a presença colonial, o que a coloca em tensão com a escrita, evidenciando a impossibilidade de retorno a uma tradição pura (dadas as rupturas e fissuras que acompanham a situação colonial) e apontando para a criação de novas bases, isto é, a *oratura* é trabalhada, neste contexto, “em meio às adversidades, sob o signo da busca, na luta pela construção da independência (do país e de si própria)”, e assim, “a fala torna-se escrita. E a escrita, a fala ritualizada no papel” (p. 55).

O capítulo se encerra ao debruçar-se sobre as produções literárias destinadas ao público infantil e infanto-juvenil, por se tratarem de textos privilegiados para se pensar a presença da *oratura* na escrita. Além disso, a autora justifica a escolha deste *corpus*, para além das razões acima mencionadas, porque estes textos congregam a (re)escrita de tradições tendo como cenário principal a cidade de Luanda: “reiterando o que afirmávamos quanto ao imaginário que a cidade mobiliza quer para os autores, quer para o público de todas as idades” (p.67).

Passemos, agora, ao terceiro capítulo, “A cidade portuguesa no além-mar”, no qual Tania Macêdo trabalha a cidade portuguesa no além-mar, ou seja, a constituição de cidades africanas a partir e em função do colonialismo português. Aqui, é importante destacarmos que o colonialismo, e neste caso o português, teve um primeiro momento (século XV) a partir do qual o domínio se deu, primordialmente, pelo mar, ao que a autora denomina, em acertada expressão, como a

'estrada líquida' que confirmaria um espaço privilegiado à Portugal frente a outras nações europeias no avanço e exploração de territórios em África e nas Américas.

Diante deste quadro, a efetiva ocupação destes espaços acontece a partir do surgimento das cidades-porto, que segundo Macêdo:

(...) colocarão o território conquistado na dependência dos interesses da metrópole, transformando-os em posse portuguesa, em **espaço inscrito na cultura ocidental**, submetido à Lei, à Ordem, à Língua e ao Deus do colonizador. (p. 69)

Destarte, a cidade no espaço da colônia só passa a ser considerada enquanto tal, na perspectiva do colonizador, no momento em que serve aos interesses deste último, que privilegiarão a exploração de mercadorias e de africanos para a escravização, ou seja, somente como fonte de obtenção de lucros é que se inscreverá como espaço preponderante da cultura ocidental.

Do ponto de vista literário, a representação da cidade portuguesa no além-mar se dá através de documentos, relatos, memórias e tratados sobre a terra, que pautados nesta lógica de exploração e posse do território estariam com os olhos totalmente voltados para a metrópole, procurando enfatizar e descrever o que poderia ser aproveitado nestas novas terras. Nesse sentido, pouco dirão sobre a cidade em si, sua estrutura e suas gentes, tanto porque estas cidades foram construídas a partir de um desejo de duplicação da metrópole, seriam como “cidade-réplica do espaço metropolitano” (p. 72), como porque o interesse era, na verdade, relatar as possibilidades de ganho.

Dando continuidade ao período da cidade africana face ao colonialismo, a autora nos apresenta o capítulo “A cidade colonizada”. As cidades deste período são aquelas que apresentam as contradições da efetiva presença do colonizador, fato que implica numa tentativa de tornar a cidade europeizada, o que só é conseguido com a sua cisão. Por

um lado, ela apresenta uma arquitetura e um modo de vida tipicamente europeus, por outro, a população nativa é isolada, segregada ao que será chamada a cidade do colonizado, como bem aponta Fanon², uma *cidade faminta*, onde a falta é a tônica.

No que tange às manifestações literárias, a autora frisa que este é um período de transformações, pois a cidade, que era paulatinamente ocupada por colonos, interessados no tráfico de negros africanos, interesse esse que a organizava em sua estrutura econômica e social, vê-se obrigada a reconfigurar este espaço a partir do Trato (1836) que termina com o tráfico. Neste contexto, muitos dos brancos deixam o país e os que ficam precisam se reorganizar. Assim, ainda que os olhos não deixem de estar voltados para a colônia, os textos literários produzidos no período passam a ter um tom nativista (*naturaes da terra*), são textos que embora revelem alguns problemas da colônia, tem um tom de exaltação, tanto pela estrutura (vê-se, por exemplo, poemas que seguem clara intertextualidade com textos como o de Gonçalves Dias), como pela temática nativista.

Por fim, temos, no último e mais denso capítulo, uma abordagem da cidade reafrikanizada, que corresponde à literatura produzida a partir do final dos anos 50, momento em que se inicia o processo de consolidação de uma literatura nacional.

Já no início de capítulo, a autora bem frisa que: “(...) a 'fala' de cada cidade articula-se a partir de uma semiose singular, de tal forma que os produtos ali produzidos (de sua arquitetura à literatura) podem ser lidos também como seus desejos e medos” (p. 109); e a partir desta tônica de mapear as intersecções entre extratextual e o textual, de modo a evidenciar a arquitetura da cidade (e do país), tanto de uma que já esta posta, como daquela que se anseia, é que segue o capítulo.

Para isto a autora nos apresenta Luanda a partir de seus personagens principais, elegidos também num espaço bastante

² FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

específico: os musseques (com recorte para os mercados). Assim, as mulheres (quitandeiras e prostitutas), as crianças (de monandengues – num antigamente -, passando por pioneiros – no escopo das lutas de libertação nacional - e chegando às crianças de rua – no contexto mais atual) e os homens (sobretudo a figura do malandro em suas mais variadas nuances) são analisados nas produções do período que acima mencionamos, com o intuito de apontar continuidades e rupturas, preservações e mudanças de um projeto que ademais de literário, “animou e direcionou política e culturalmente a vida angolana” (p. 216).

Com isto, temos um livro que com rigor crítico e teórico nos brinda com uma análise das intersecções entre os espaços da cidade e da literatura que se produz neste contexto, e para além disso, nele também é possível acompanhar a trajetória da formação de um sistema literário, o angolano, e as suas intrínsecas relações com a formação do próprio país.

MACÊDO, Tania. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Editora Unesp; Luanda (Angola): Nzila, 2008 (240 p.).